

Jacques Maritain ou a santidade da inteligência (*)

JOSÉ LUIZ MARQUES DELGADO

*A Mércia (**)*

Quantos não nos sentimos órfãos, nesse 28 de abril de 1973, em que faleceu, lá em Toulouse, às margens do Garona, numa pequena comunidade de religiosos a que se recolhera e em que acabara ordenando-se sacerdote, ele, o filósofo entranhadamente leigo, este Jacques Maritain que iluminou todo o nosso pensamento, todo o pensamento católico no século XX...

Ei-lo que se vai, afinal, para junto dos seus, deixando este mundo que se transformara para ele, como o confessou na derradeira entrevista (1), num cemitério. "Todos os meus amigos morreram. Estou só".

Ei-lo que se vai, afinal, para louvar, no céu, ao lado de sua bem-aventurada Raissa que treze anos atrás o precedera, o nome do Deus três vezes santo, que tanto ele louvou, aqui na terra, em vida e em pensamento, em palavras e em obra.

Ei-lo que se vai, afinal... E ainda aqui é preciso louvar o Senhor. Pois, ficamos profundamente gratos a Deus por ter levado Maritain para junto de Si agora, só agora, depois de

(*) Um resumo deste trabalho foi lido na sessão em que, aos 20 de junho de 1973, a Sociedade Cultural Paulo VI homenageou a memória de Maritain.

(**) Que leu estas páginas, pouco antes de sua morte — primeira alma por quem pedi a Maritain que intercedesse, no céu, junto a Deus.

(1) As notas numeradas referem-se a citações relacionadas ao final do trabalho.

ter permitido que ele se demorasse conosco tanto tempo, noventa anos (*) de uma existência tão bem vivida.

E agora, que ele se foi, e que é preciso, como bons herdeiros, recolher a herança, — que nos resta?

Sua obra, decerto — imensa, variada, lúcida, fecunda. Meio dispersamente construída, sem a estruturação harmoniosa, goticamente medieval, da de Tomás, mas obra adaptada ao nosso tempo. Obra que haveremos de meditar, de compreender, de estudar, de discutir. Que haveremos de dissecar em todos seus aspectos, de difundir, de prolongar, de amar. Porque é imortal. Porque é fiel integrante da chamada “filosofia perene”. Porque “uma filosofia tão harmoniosa, tão clara, tão coerente, tão verdadeira como o tomismo, não pode ser desprezada por muito tempo” (2).

Mas não é dela que me ocorre falar agora. Para isto não faltará tempo.

É que há também outra herança que ele nos deixa. É a herança de sua pessoa. Não a lição que Maritain nos deu, mas a lição que Maritain, ele próprio, foi. A lição dele mesmo. A lição de sua vida.

(*) O que são noventa anos? “Noventa anos é muito”, dissera Maritain na mesma entrevista. Basta pensar que, em 1926, quando era condenada a “Action Française”, Maritain passava dos 40 anos — aliás, justamente esta idade é a razão do protesto de Gustavo Corção, no seu poderoso “O Século do Nada”, contra a ingenuidade que desculparia as atitudes de Maritain relativamente ao movimento de Maurras. E em 1946, quando a revista “A Ordem” reuniu duas dezenas de colaboradores brasileiros numa homenagem ao filósofo francês, era o 40.º aniversário de sua conversão o que então se comemorava e Maritain já passava dos 60 anos. Quem haveria de supor que sua obra que já atingia, nessa época, os 40 volumes, ainda tanto se estenderia depois, em magnífica fertilidade espiritual?

Rendam-se graças a Deus, então, por essa longevidade. Como não ver nela um desígnio especial da Providência divina? São Tomás viveu apenas 49 anos — é que seu século, o décimo terceiro, não precisaria talvez de mais do que isto: era o século de S. Francisco e de S. Antônio, de S. Domingos e de S. Boaventura, de S. Luiz rei de França, o século dos dominicanos e dos franciscanos, dito o mais belo século da Cristandade. Mas o nosso século XX, este século que Corção diz “do nada”, precisaria de muito mais que os breves 49 anos de Tomás: precisou dos 90 de Maritain.

E o que é que ele foi, acima de tudo?

Bem sei que se trata de um filósofo — o maior filósofo do nosso tempo, diremos seus discípulos. De resto, outra coisa não dizia ele de si mesmo: “sou apenas um filósofo”. Mas, penso que não terá penetrado o segredo dessa alma quem ficar nesta primeira constatação. Na verdade, quem quiser compreender o mistério da existência e da grandeza de Maritain, tem de dizer dele outra coisa. Tem de dizer, aceite-se a palavra, que Maritain é um santo.

Aceite-se a palavra, repito. Pois, a santidade, parece que o nosso mundo moderno vai aos poucos esquecendo, vai-se distanciando dela. E toda a idéia que hoje se faz a respeito, se é que se faz alguma, é a de remetê-la para um passado longínquo: a de que havia santos na Idade Média, a de que a vida dos santos se perde nas brumas da lenda.

Por isto, assusta-nos a idéia de um santo entre nós.

Um santo concreto, de carne e osso, que vimos e escutamos, — a nos advertir de que a santidade não é apenas um ideal, é também uma exigência de nossa natureza, porque a ela somos chamados, todos os homens. “Não tenho alma de santo”, dissera, certa vez, um sacerdote. E o gigantesco León Bloy, com sua voz poderosa que sacudiu tantas consciências, replicava: “pois bem, digo-lhe com toda a certeza, que eu tenho alma de santo; que meu senhorio, que é um abominável burguês, meu padeiro, meu açougueiro, meu quitandeiro, que são talvez uns grandes canalhas, todos têm almas de santo, visto terem sido todos chamados — como o senhor e eu — tanto quanto S. Francisco ou São Paulo, chamados à vida eterna e resgatados pelo mesmo preço, *magno pretio empti estis*” (3).

Sim, o que Maritain foi, acima de tudo, foi um santo.

Desses que a Igreja, mais cedo ou mais tarde, seguindo sua sábia prudência, canoniza.

Porque é preciso distinguir santidade de santidade. Umas há, ocultas, discretas, cuja beleza só há de ser conhecida no fim

dos tempos, quando os eleitos do Pai, definitivamente apartados dos malditos, forem expostos à admiração comum. Não são santos apenas os que a Igreja declara. Muitos há, além desses, muitíssimos mais. A Igreja só canoniza uns poucos, aqueles cuja santidade é visível, é pública. Não uma santidade recolhida, mas uma santidade digamos ostensiva. Que, de tão evidente, pode ser apontada como modelo e como exemplo para os homens.

A santidade de Maritain é deste último tipo. É modelo e exemplo. Mesmo porque é ostensiva. E descubro, com redobrada alegria, que não estou sozinho ao afirmá-la (*). Quantos testemunhos não encontro a me dizerem a mesma coisa — que Maritain é santo! Como se se tratasse de uma intuição coletiva, algo que, no íntimo, mais conscientemente uns, meio inconscientemente os outros, todos pressentimos.

Basta recordar dois depoimentos. Um, o de Afrânio Coutinho, que conviveu de perto com Maritain, frequentando inclusive seu próprio lar, em Princeton, nos Estados Unidos. Que impressão Afrânio guarda dele? Fundamentalmente, esta: “Maritain foi a figura que ainda me deu até hoje a impressão da perfeição humana; um misto de paz e de grandeza, de santidade e sabedoria” (4). Pense-se um minuto no que significa tal depoimento prestado, com a maior seriedade, por um intelectual dos mais respeitáveis; pense-se no que representa, para um homem, atingir este reconhecimento e provocar tamanha admiração. “Impressão de perfeição humana”... Adiante, Afrânio Coutinho nos transmite outra impressão: “se não tínhamos a sua esperança, escreve referindo-se às idéias de Maritain acerca do após-guerra, — se não tínhamos a sua esperança, homens de pouca fé, gente imperfeita e descrente, ao menos ficássemos com uma certeza: ele jamais trairia”. Ele jamais trairia... Perfeição humana... Não se eleva bem acima dos comuns mortais quem pode merecer semelhante confiança e inspirar tão bela certeza?

(*) Ainda nisto não sou original... E, de resto, como é bom não o ser, sentir ao lado e atrás de si todo o valor de uma autêntica tradição!

O outro depoimento é o de Perilo Gomes, que citamos como exemplo dos que não conviveram com Maritain mas foram atraídos pelos seus livros e, no entanto, também souberam perceber a verdadeira natureza do fascínio da pessoa de Maritain. Depois da leitura do livro de recordações de Raissa, o que Perilo diz é que, doravante, não teria mais, por um e outro, marido e mulher, somente admiração intelectual, “porém ainda a veneração que se deve a um santo”. E acrescenta: “não acredito que, mesmo os inimigos de Maritain, possam ler sem lágrimas nos olhos essas páginas estuantes de sinceridade, quentes de afeto, vibrantes de heroísmo e santidade. Digo-lhe mais, não acredito mesmo que, ao fim dessa leitura, se conservarem um pouco de sensibilidade em seu coração, deixem de sentir um desejo imenso de reconciliação, de beijar as mãos de ambos — da esposa e do esposo, pelo fervor de sua fé, pela pureza e heroísmo de sua vida exemplarmente cristã” (5).

Sim, é de santidade, numa palavra, sem arroudos nem simulações, que se trata. A santidade que reconcilia. A santidade que purifica. A santidade que reúne ovelhas dispersas. A santidade que converte pelo exemplo e pela admiração.

É em terra sagrada que estamos pisando. Tiremos a sandália dos pés. Sacudamos a poeira dos caminhos.

Terá sido o que fez Antônio Carlos Vilaça, o entrevistador, representante de todos nós, ao se dirigir para aquela que seria a derradeira mensagem de Maritain, a última lição que ele deu ao mundo, e que o fez, aliás, por intermédio de um brasileiro (*)?

(*) Parece haver uma particular ligação entre Maritain e o Brasil. “Tenho pelo Brasil uma ternura especial e sempre nova”, afirma Maritain nessa última mensagem. Aliás, os dois gigantes do novo Mundo foram justamente os países em que mais se difundiu o pensamento de Maritain, como ele próprio reconhece: “creio que o Brasil e os Estados Unidos foram os dois países em que houve maior influência da minha obra”. De resto, esta entrevista final não foi concedida senão pela conjunção de duas circunstâncias: “por causa da mensagem do meu querido Amoro Lima, a quem rendo a minha homenagem” e por causa dessa situação singular em que ser brasileiro é um trunfo. “O senhor tem um trunfo — é brasileiro”, dissera o religioso com quem Vilaça acertou a entrevista (6, de novo).

O próprio Antônio Carlos Vilaça o conta (6). Primeiro, houve a dúvida: “um religioso contemplativo de noventa anos não dá entrevistas a ninguém”. Depois, a notícia de aceitação da entrevista. “Não, não estava emocionado, nem angustiado, confessa Vilaça. Estava numa grande paz, certo de que, no sábado ou no domingo, meus olhos pousariam nos olhos de um santo”. De novo, a intuição da santidade e o surpreendente efeito que daí decorre: “eu estava numa grande paz”. A santidade pacífica.

Vilaça não deixa de assinalar o traço do pecado que marca nossa condição, desde Adão: “em Princeton, na visita anterior, eu notara certa afetação no falar, certa dignidade austera de senhor professor, docências, colega de Einstein, sumidades sumas. Ali, não. Deixara tudo. Parecia mesmo um menino”. “O que mais me impressionou em Maritain foram os olhos, uns olhos líquidos, límpidos, de infância, olhos sem nuvens”. “Era isto que emanava dele, o velhinho que diante de mim expunha seus pensamentos — limpeza. Nenhuma pose. Nenhuma afetação”. “Quando pude sentir na ponta dos meus dedos que ele deixara tudo, se despojara de tiques e manias, era apenas o Irmão Jacques, o irmãozinho universal. O discípulo de Foucauld. O mestre da Universidade de Princeton identificado ao mais pobre, por amor”. “Então me comovi. Porque só estas coisas têm importância”.

Sim, só tem importância isto que Maritain repetiu várias vezes na sua entrevista: “Tenho sede de silêncio”. E Vilaça nos diz que silêncio é este: “Um silêncio tão de dentro. A paz total. A solidão. O silêncio. Ouso dizer, a santidade”.

E em que consistiria a santidade de Maritain?

Bem sabemos que os santos são muito diferentes entre si. Que a santidade é rica como o coração humano. Que se pode atingí-la por vários modos e seguindo diversos caminhos. Que a casa do Pai tem muitas moradas.

A santidade de Maritain não é a santidade da pobreza, como a de um São Francisco de Assis, nem a santidade do po-

der, como a de um São Luiz, rei de França, nem a santidade do heroísmo e da fidelidade à Igreja, como a de um São Tomás Morus. Ela é propriamente a santidade da inteligência (*). Sua lição, a de que a inteligência é, em si mesma, uma coisa santa e se pode e se deve ser santo em se vivendo a vida intelectual.

Porque, antes de mais nada, a santidade da inteligência supõe um rigorosíssimo compromisso com a Verdade. Ora, Deus é a Verdade. Não foi o que Ele disse de si próprio? “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida”. “Eu vim ao mundo para dar testemunho da verdade”. “A verdade vos libertará”.

Foi dessas palavras, proferidas pelo próprio Deus, que se originou na nossa cultura, conforme assinala Maritain (8), um respeito religioso pela verdade: “toda verdade, mesmo a mais obscura, mesmo a mais perigosa ou a que mais nos contraria, tornou-se sagrada enquanto verdade”.

Ah, a verdade... — Raissa a chama (9) “dama não me nos pobre do que a pobreza, tão cara a São Francisco, e que exige, também ela, se quisermos servi-la, a ciência do dom de si próprio e de tudo o que se tem”. *Magis amica veritas*.

O Pe. Clérissac que tão decisivo papel exerceu na formação dos Maritain, ensinava esta lição essencial: “a inteligência é a base da vida cristã... Deus é, antes de tudo, a Verdade,

(*) Será necessária uma palavra para mostrar como a santidade da inteligência não é alienada da situação dos pobres? Uma palavra de resposta à idéia, meio prestigiada hoje, de que só se pode ser santo pelo serviço dos pobres, e de que o cristianismo consiste, sobretudo, num engajamento com a pobreza? Então, que seja essa palavra a de Gustavo Corção, que nos fala de dois serviços aos pobres, um direto, outro indireto, e nos ensina que também “trabalha socialmente para os pobres aquele que indiretamente traz sua contribuição para o bem comum — todos os professores que ensinarem bem o que sabem; todos os profissionais que cumprirem seu dever de estado, trabalham para todos, e, portanto, para os pobres” (7). Dentre estes, o filósofo, que se encarrega da verdade e cuida de afastar os graves erros que perturbam o pensamento moderno. Quem ignora as consequências práticas, concretíssimas, que decorrem, para a vida de todos, e, portanto, para a vida do pobre, das especulações filosóficas aparentemente tão abstratas e tão distantes? Quem nasceu ontem e conhece o comunismo, e Marx e Hegel, — que ignore o explosivo poder das idéias?

ide a Ele, amai-O sob este aspecto” (10). É que ele pensava, como Santo Agostinho, que a bem-aventurança eterna é a alegria pela verdade — “*gaudium de veritate*”.

Maritain amou acima de tudo a Verdade (*) e é esse seu amor vital que o faz tão superior às confusões que o cercam. Em torno dele, a polêmica permanente, as discordâncias, a espada que o Cristo trouxe, o sinal de contradição. E, da parte dele, uma absoluta superioridade. Como diz Alceu Amoroso Lima, “quando se pensa no mundo de lutas, de intrigas, de mesquinhas que a paixão política desencadeou contra o autor de *Humanismo Integral*, e se vê a figura admiravelmente espiritualizada de Maritain, tão superior a tudo isto, tão alto, tão longe, tão perto da Fonte de toda Beleza, de toda Bondade e de toda Inteligência, fica-se compreendendo melhor o que é a mediocridade dos homens comuns e a grandeza dos verdadeiros grandes homens” (13). Ou, completo eu, a santidade dos verdadeiros grandes santos. Os quais bem sabem que nosso destino não está sendo decidido em torno de nós, nesses acontecimentos exteriores e espetaculares que perturbam a visão do essencial, mas sim no recôndito de cada alma, por uma íntima adesão ou rejeição ao Deus sábio e amoroso.

Ora, um autêntico compromisso com a verdade só pode ser efetivado em clima de profunda humildade espiritual. Porque verdade e humildade andam juntas.

A este respeito, Maritain nos dá o mais belo exemplo den-

(*) A ponto inclusive de escrever, de certa feita, este pensamento ousado: “se houvesse salvação fora da Verdade, eu não desejaria essa salvação porque prefiro a Verdade à minha alegria e à minha liberdade” (11). Acusar-se-á de herética tal afirmação? Não, porque, de fato, que pode haver de mais cristão que o amor à Verdade, a qual nos libertará? “Bem sei, completa Maritain, que só a verdade pode me dar alegria e me libertar”. Acrescente-se que, na hora crítica, quando a fé que descobria, parecia incompatível com a frágil filosofia que conhecia, Maritain optou pela fé e renunciou à filosofia, segundo nos conta Walcheren (12): “recebe uma bolsa de estudos e parte para Heidelberg, para — ele, que renunciou à filosofia, na medida em que é capaz — estudar biologia com Hans Driesch”.

tre os filósofos contemporâneos (*). Simplesmente renuncia à edificação de uma sua filosofia pessoal, de um seu sistema particular de pensamento — fato absolutamente inédito desde Descartes. Integra-se numa tradição. Põe-se atrás de uma longa fila. E diz de si mesmo (14) que é apenas “uma ponta, uma continuação, uma espécie de sujeito chamado Jacques Maritain Caetano de Santo Tomás”. Ao que Gustavo Corção observa que, assim, Maritain “escondia-se na ponta de uma longa genealogia; mas é nessa dependência, nessa filiação, nessa humildade, que reside sua maior grandeza: os reis também têm nomes muito longos”.

Não foi exatamente a humildade do grande filósofo o que mais impressionou o Pe. Berto, ao assistir a aula magna de Maritain na Semana Tomista de 1923? “Esta conferência, afirma o Padre, foi certamente um grande exemplo de tomismo praticado, mas o que nos transmitiu foi admiração por um homem que, tendo a estatura e o estofo de um chefe de escola, tivera a magnânima humildade de sentar-se aos pés do Doutor Comum” (15).

De fato, Maritain tinha estatura e estofo de Chefe de Escola. Mas, ele amava demais a Verdade e era-lhe, por isto, humilde e dócil. Assim, ao invés da vaidade de construir um sistema pessoal de filosofia, aderiu àquele, já edificado, já antigo, que reconhecera, no entanto, verdadeiro.

E rendia graças à Igreja, por isto. “Na peroração de sua conferência, conta-nos ainda o Pe. Berto, Maritain rendeu homenagem à Igreja por sua adesão ao tomismo. Não era, disse ele em substância, não era de um doutor qualquer que tínhamos necessidade no desamparo em que estávamos, era daquele mesmo que a Igreja nos propõe, era de Santo Tomás de Aquino”.

(*) Já nem falo aqui da humildade cotidiana da pessoa de Maritain. Baste a referência à sua humildade filosófica. Da outra, lembre-se apenas o gesto de recusa do cardinalato — e ele seria o primeiro cardeal leigo depois de tanto tempo na história da Igreja — que lhe foi oferecido pelo Papa Paulo VI. Ainda aqui parece-se com seu Mestre. Pois a Tomás de Aquino o cardinalato também foi oferecido; e este o recusara; queria ser apenas um frade dominicano.

O Pe. Berto ainda se recorda, emocionado, da “força com que tais palavras, ditas por um homem tão excepcional, atingiram e impressionaram um seminarista de 22 anos, deixando-o numa espécie de êxtase. Ó beata Roma, que com profusão dispensas essas jóias incomparáveis! Como é verdade que só tu ultrapassas todas as belezas do mundo!”

Maritain, porque amava a Verdade acima de tudo, teve a humildade necessária para aderir à filosofia de Tomás de Aquino. Antes de mais nada, foi nisto, no tipo particular de santidade que viveram, a santidade da inteligência, — que o filósofo francês se identificou com o frade dominicano. Maritain realizaria, no mundo moderno, a mesma santidade do seu mestre medieval; e então a ele também se pode aplicar aquela explicação que sua esposa, Raissa, fizera, um dia, da santidade de Tomás: “é na própria inteligência de Santo Tomás que se operam os milagres da santidade; sua inteligência está toda voltada para Deus, toda entregue à Verdade conhecida ou a descobrir; é por ela que o Santo é elevado do solo; são os trabalhos do filósofo e do teólogo que recebem a aprovação de Deus: Falaste bem sobre Mim, Tomás” (16).

No entanto, ainda por outros títulos, a aproximação entre Maritain e Aquino é inevitável.

Até o nome que Santo Tomás mereceu, “Doutor Angélico”... Não é também Maritain um novo Anjo da Escola? Afrânio Coutinho já via nele uma “fisionomia angélica”: “de longe, avistei sua bela figura que avançava na minha direção; era a mesma fisionomia angélica, a mesma irradiação de bondade e doçura” (17).

Quem souber olhar, há de ver que Maritain parece realmente um Anjo do Senhor. Como se aquele “um outro Alguém”, a que Raissa se refere, como tendo “pré-estabelecido entre nós (entre ela e o seu “maior amigo”) uma soberana harmonia, apesar das grandes diferenças de temperamento e de origem” (18), — houvesse também pré-estabelecido todos os demais passos de Jacques. Houvesse escolhido este homem, um eleito do Senhor, chamado para uma missão particular.

Considerem-se, por exemplo, as singulares condições em que ele exerceu sua atividade intelectual. Sem problemas financeiros, ao contrário do seu padrinho León Bloy: não era rico, mas conseguiu ganhar do seu trabalho de filósofo e de professor, o suficiente para seu sustento. Sem problemas domésticos, e no entanto constituíra família, diferentemente de seu mestre, Tomás, o de Aquino — sem essas preocupações que tanto interferiram na santidade deste outro grande Tomás, o Morus, de Inglaterra: filhos, Maritain não os teve; e os afazeres domésticos ficavam por conta de Vera Oumançoff, a cunhada, a irmã de Raissa, que sempre os acompanhou, a Marta que permitiu a Maritain seu trabalho intelectual e a Raissa, sua vida mística.

E como ele soube, guiado pela mão de Deus, preservar para si o clima necessário ao trabalho do espírito! Um clima de isolamento e, ao mesmo tempo e paradoxalmente, um clima de companheirismo intelectual. Afrânio Coutinho testemunha que Maritain achava que “ao intelectual, ao filósofo, cumpre esforçar-se por criar para si próprio uma situação de isolamento, de solidão, a única realmente fecunda para o seu trabalho”. E que “obras coletivas, agremiações, associações, são prejudiciais, dispersivas e trazem a confusão ao espírito e aborrecimento. Quem quiser fazer um trabalho individual, tem de isolar-se” (19).

Essa convicção, todavia, nunca impediu Maritain de se proporcionar uma saudável convivência com os amigos de idéias. Enquanto residia nos Estados Unidos, por exemplo, viajava todos os anos à França onde se reunia, na Alsácia, com uns poucos tomistas, “os mais estritamente reunidos em pensamento — Charles Journet, Pe. Phillip, Olivier Lacombe, Pe. Labourdette e alguns outros, mas só os que estão realmente na nossa linha de pensamento rigorosamente tomista, para durante alguns dias discutirmos nossos trabalhos e nossos problemas. Ali não vai nenhum estranho” (20).

Haverá melhor sinal de que a Providência divina cercara Maritain de uma atenção particular, como a um Eleito, do que essa contradição que surpreende na vida de Maritain, ao mesmo tempo tão participante de todos os problemas de seu tempo

e tão livre em face desses mesmos problemas, tão superior às confusões do século? Baste o exemplo de dois episódios significativos: o da "Action Française" e o de "Esprit", publicações em que Maritain colaborou. Na verdade, nunca se confundiu com qualquer desses movimentos (*). Ao contrário, sempre se conservou absolutamente livre, tão acima das humanas paixões em que vivemos mergulhados e perdidos, Deus parecendo tê-lo especialmente preservado para Si.

Sim, Maritain parece pairar muito acima de nossas tentações e de nossas tribulações. É um ser angélico.

Como difere de um Agostinho, tão humano! A cujo respeito bem podemos dizer que o Bispo de Hipona, este é um dos nossos: também perdeu-se no pecado, três vezes caiu, três vezes soergueu-se.

Já Maritain não parece "um dos nossos". Sua grandeza é doutra espécie.

Então eles se completam — dum lado, Agostinho, e do outro, Tomás e Maritain.

A lição de Agostinho é a de que o homem pecador está, apesar do pecado, sempre aberto à graça, à misericórdia de Deus, à salvação. É a certeza de que, no fundo do pecado, o ho-

(*) Quanto ao jornal de Maurras, Maritain nele colaborou sem ser dos principais do movimento e realizando sua obra pessoal, que era filosófica e não política. Resultado: quando o Papa falou, pôde ser-lhe obediente e fiel e dar um magnífico exemplo aos católicos. Enquanto Maurras e Daudet publicavam o seu "Non possumus", Maritain, além de colaborar nas edições coletivas "Pourquoi Rome a parlé" e "Clairvoyance de Rome", preparava sua resposta pessoal, cujo título bem pode ser o símbolo de toda sua obra: "Primauté du spirituel". É nesse exemplo de fidelidade a Roma que Dom Florent Miège vê o segredo da participação de Maritain no movimento maurrasiano: "Deus tira partido mesmo das gafes daqueles que o amam". Na hora decisiva, o testemunho de Maritain há de ter contribuído para esclarecer as almas de boa vontade (21).

Quanto à revista de Mounier, de que se diz que Maritain foi um dos inspiradores, a independência deste não poderia ser mais evidenciada do que pelo depoimento do próprio delegado geral de "Esprit" no mês seguinte à fundação da revista — o qual já afirmava a "independência recíproca total de Maritain e do movimento *Esprit*" (22).

mem ainda pode se redimir — certeza para a qual sua vida representa poderosa garantia: depois de tanto pecado, pecado do espírito e pecado do corpo, Agostinho não conseguiu ainda santificar-se?

Mas, a lição de Maritain é outra. A vida de Santo Tomás e a de Maritain representam para nós uma visão breve do paraíso, uma amostragem rápida das belezas do céu. Eles estão entre nós, mas se vê claramente neles, que não são daqui; que pertencem a outro lugar, de Belezas maiores, e aqui estão apenas de passagem. E nessa passagem, nos deixam uma pálida idéia do que é o Paraíso, que eles nos trazem e que existe no interior de suas almas. Da felicidade, da doçura, da paz, da bondade, da tranquilidade que lá abundam. E deixam em nós o desejo nostálgico de participar desse mundo de venturas. Deixam-nos olhando para o Alto, para a nuvem em que eles se perdem. E assim ficaríamos, absortos, olhando para o Alto, se não viesse, também a nós, um outro anjo a nos recordar a missão que eles deixaram sobre a terra, inacabada, e que é preciso agora retomar.

Retomar agora animados de um ânimo novo: animados pelo seu espírito, pela grandeza desse Tomás e desse Jacques que, com sete séculos de diferença, estão, todavia, tão juntos um do outro, na doutrina e na santidade.

Juntos também na oração com que um e outro coroaram suas vidas intelectuais. "Todas as vezes que Santo Tomás desejava estudar, discutir, ensinar, escrever ou ditar, é seu secretário e biógrafo quem escreve, o frei Reginald, — ele recorria primeiramente ao segredo da oração, chorando diante de Deus para encontrar na verdade os segredos divinos, e, pelo efeito desta prece, que era a oração na incerteza, terminava instruído" (23).

A vida de Maritain não é, também, toda alternada entre o trabalho intelectual e a oração? Quando começou a associar na sua casa, para estudarem juntos, aqueles que se sentiam atraí-

dos pela luz tomista, não ficaram só estudando (*); Raissa logo propôs a todos “o voto de oração, para determinar bem a necessidade da vida espiritual para aqueles que desejam servir a Deus pelo trabalho intelectual” (24). A este grupo de amigos é que se dirigiu primeiramente o opúsculo que depois publicariam e que escreveram juntos, Raissa e Jacques, a pedido do Padre Garrigou-Lagrange — este “pequeno diretório espiritual”, o “De la vie d’oraison”. Como coroamento desse espírito de oração, viria a seguir a inauguração de uma capela no seu lar, já agora transferido de Versalhes para Meudon, e a instalação do Santíssimo Sacramento. Não é, na verdade, esta capela íntima o centro vital dos Círculos Tomistas que se organizavam em torno deles? Em 8 de junho de 1923 celebra-se a primeira missa e Raissa transborda de contentamento no seu “Diário”: “Deus é muito bom. Tenho um pequeno escritório que dá para a capela. Eis uma casa onde posso viver como eremita. Todos os meus sonhos são excedidos”. “Logo a capela era classificada como ‘semi-pública’ por causa dos Círculos Tomistas e de todo o trabalho com as pessoas de fora às quais a casa era destinada” (25).

E o projeto que os Maritain conceberam, e nunca realizaram, de uma *companhia tomista* (inspirada na Companhia de Jesus?), não tinha na oração sua espinha dorsal? Tratava-se de um projeto amplo — “como base, vida de oração e formação tomista; depois, especialização em todas as ciências, em vista do apostolado intelectual” — e nele a oração exerceria um papel nuclear, “para que ninguém tenha a tentação de se desviar de Deus pelo trabalho científico, mas pelo contrário, permaneça sempre vivo em cada um o desejo de servir a Deus e às almas pelo apostolado intelectual” (26).

Assim viviam os Maritain, trabalhando e orando, com a capela dentro de casa, e o Santíssimo, — e de sua oração mais eloquente testemunho não pode haver que o dado por um pro-

(*) E antes, Maritain já havia criado dificuldades para si próprio por causa do seu zelo para com a oração. É que fazia questão, desde o início de sua carreira de professor, de recitar uma Ave-Maria ao começar cada aula. E lecionava então num estabelecimento católico...

testante, Banhofer, depois de participar de um dos retiros anuais dos Círculos Tomistas: “somente aqui, em Meudon, nesses dias de retiro, aprendi a verdadeira oração” (27).

Assim viveram até que, em 1939, ausentes os Maritain, o amigo fiel, Olivier Lacombe, por causa da guerra, mandou retirar o Santíssimo da capela e praticamente pôs um ponto final em anos tão abençoados. Depois, viria a guerra, o exílio, a Embaixada no Vaticano, Princeton, a Universidade americana. Mas aqueles haviam sido anos abençoados.

Anos de conversões. E tantas! E quantas! Raissa falava, pensando em Bergson, em Bloy, em Péguy e Claudel, — de que “nunca houve em um povo um renascimento de espiritualidade mais belo do que nessa França” de então, “nem um tão profundo esforço de cristandade, como nesta França anticlerical e dilacerada” (28). Mas um renascimento de espiritualidade ainda mais belo viria em seguida, em torno dos Maritain, a partir do fogo novo que crepitava em Meudon.

O primeiro de todos os convertidos foi um amigo querido — Ernest Psichari, que, aliás, por primeiro o retratou no seu romance autobiográfico, dizendo que a vida de Maritain era uma “bela vida curvada sobre a meditação e consumida em pureza”. “Aquele sábio tudo pesara, tivera tudo em suas mãos pequenas e, depois, tendo tudo disposto segundo a razão justa e o equilíbrio perfeito, penetrara como dono e sem medo de errar, nas regiões mais altas do espírito” (29).

Mas, quantos viriam depois! Henri Massis, que “era o primeiro estranho que vinha a Jacques” (30), e que descreve o cuidado desajeitado de Maritain pelas almas: “ele olhava para nós, escreve a propósito de sua própria conversão, como se reza, e sentíamos indizíveis laços armados em torno de nós, urdidos apenas com os fios do amor” (31). E Pierre Villaud. E Jean Cocteau. E Maurice Sachs. E Jean Bourgoit. E André Grange. E Paul Sabon. E Alexandre Grunelius (32).

E as conversões dolorosas, aquelas mais desejadas, as mais difíceis porque as mais próximas. A conversão do pai de Rais-

sa, à beira da morte, no meio de tanta apreensão, de tanta preocupação em não ferir a esposa que participara de sua vida mas não participara simultaneamente de sua evolução espiritual. E a conversão, lenta, delicada, da mãe de Raissa, Elisabeth-Marie, ajudada do Alto pelas orações do marido: “rezarei por ti para que venhas ter comigo”.

Diante de tudo isto, como não dizer de Maritain aquilo mesmo que lhe disse, certa vez, um vigário: “você é o missionário do Espírito Santo” (33)? Pois, não é tudo, em Maritain, a vida e a obra, um foco de irradiação de inteligência e de cristianismo, um instrumento de salvação?

Nas conversões e no cuidado das almas é que Maritain sempre identificou o principal de sua vida. Tanto que disse, por exemplo, a propósito de Emily Coleman, que tudo abandonou pelo amor de Deus e para ingressar na Igreja, — que sua história, “Raissa e eu pensávamos ser suficiente para justificar tudo quanto tivemos de sofrer pelas estradas da vida, a fim de que um dia se desse o encontro, em Nova York, desta americana arrancada do Arizona com aquela russa e aquele francês tirados de Meudon” (34). Seus sofrimentos, assim, Maritain não os queria resgatados pela inteligência e profundidade dos seus livros; mas, antes, pela conversão de uma alma, pelo bem que sua vida pôde proporcionar aos outros. Mesmo porque a inteligência e a profundidade dos livros outro objetivo não tinham nunca senão este, o de servir para a salvação espiritual e o de cantar a glória de Deus.

Ah, por causa de um livro de Maritain, quantos não choraram de fato, à semelhança de Gustavo Corção?

Sim, Corção chorou; e Maritain espanta-se, nesta derradeira entrevista, ao saber disso, que “houve alguém que chorasse por causa da conferência” que fez na Academia Brasileira de Letras, no Rio, vindo de Buenos Aires, sobre psicanálise. Corção ligou o rádio, sentiu o impulso de fugir, acabou fechando as janelas e as portas, ouvindo a voz daquele que já estava exercendo importante papel na sua conversão. “E o fato verídico, ridículo, insignificante, banal, inenarrável, é que houve

naquela tarde, um indivíduo que se encostou em uma janela fechada (com medo de um ladrão) e sentia, fora de qualquer dúvida, de um modo bizarro e novo, que aquela voz falava para ele como num sonho” (35). E que, “para espanto de Freud, se o soubesse, para pasmo de Maritain, se o adivinhasse, chorou a propósito da psicanálise”.

A propósito da psicanálise? Não. A propósito do Cristo que é Quem está por trás da obra de Maritain, de sua vida, de cada um de seus gestos. “Dieu, premier servi”.

Quantos não terão sido os que receberam a mensagem de Maritain através dos seus livros?

Mas houve também os que tiveram a graça de recebê-la de viva voz. E, nesses, o convívio pessoal não traíu o encanto da obra. Alceu Amoroso Lima, um dos que tiveram a ventura de participar do convívio de Maritain, o maior amigo do filósofo no Brasil, presta este testemunho: “com Maritain, a exceção vence a regra de que mais vale conhecer os grandes de longe que de perto”; “sua presença, longe de ser uma decepção, foi para mim uma transfiguração”; é a presença de “uma das mais perfeitas expressões da sabedoria eterna e contemporânea” (36). De sua convivência com Maritain, Afrânio Coutinho diz ter-se espantado de encontrar em sua casa “de tudo”: “católicos, protestantes, judeus, incrédulos, agnósticos”. E de ter ouvido, um dia, do filósofo, tão boas referências a um pensador protestante, Denis de Rougemont, que o faz observar: “quem o escutasse, se não soubesse, poderia pensar que não havia a menor divergência de ordem intelectual entre os dois, tal a simpatia, o calor, com que se referia à sua retidão de caráter” (37). Exemplo da tolerância e da largueza de espírito de Maritain.

“Le coeur doux”?

Sim, sem dúvida — mas “l’esprit dur”.

Maritain nunca cedeu, nunca fez concessões. Nunca se deixou seduzir pelo ideal do “espírito frouxo”, da neutralidade; nunca o atraiu a preocupação de ver em tudo “aspectos positi-

vos”, ou, nesta linguagem sumamente moderna e sumamente estúpida, “aspectos válidos”. Sempre denunciou como negativo, errôneo e pernicioso, sempre condenou e combateu com veemência aquilo em que os aspectos negativos predominavam, aquilo que lhe parecia fundamentalmente ou substancialmente negativo. Nunca admitiu que a inteligência se sujeitasse a um jogo de acomodações, a pretexto do que quer que fosse, ecumenismo, diálogo, sei lá. Porque o essencial é sempre a Verdade. Não, ele jamais trairia...

O que ele fez, por isto, foi viver a cada passo de sua carreira, este pensamento nuclear: o de que a aproximação entre os homens, entre os crentes de diversas famílias religiosas, especialmente, “não poderá evidentemente ser obtida à custa de um afrouxamento da fidelidade, ou de uma falta à integridade dogmática ou de uma diminuição do que é devido à verdade” (38)

Ninguém pense que a santidade exige um espírito mole, transigente, ou um espírito neutro, que dê razão a todo mundo. Pelo contrário, bem ela se harmoniza é com um espírito rigoroso, amante da verdade, e, portanto, da crítica inflexível das idéias. Maritain pertence a esta família dos que têm fome e sede da verdade. A esta família dos inconformados — ninguém menos conformista do que esse discípulo de Léon Bloy (39). É nesta linha que se deve entender sua ironia — que ameniza o rigor da exposição e põe a nu, mais visivelmente, os equívocos das posições que combate (*).

Ora, quem bem compreender o que significa este espírito duro, a paixão pela verdade, logo compreenderá como é corolário dele — e outro aspecto da santidade da inteligência — um espírito verdadeiramente *católico*, em sentido adjetivo, universal. Ou seja, a preocupação de incorporar à filosofia perene todas as verdades dispersas, onde quer que se hajam originado,

(*) Uma ironia às vezes até impiedosa, como a que Maritain dirige por exemplo a Bertrand Russell, dizendo que “sempre se encontrarão filósofos muito inteligentes (sem falar no sr. Bertrand Russell) para defender coisas insensatas” (40).

onde quer que se encontrem. Se bem se ama a verdade, amam-se todas as verdades, ainda que estejam no meio de erros, desfiguradas pelo lixo circundante. Isto que Santo Tomás fez relativamente às verdades descobertas antes dele, isto também Maritain vai fazer relativamente às que só se descobriram depois do Aquinata. É a mesma preocupação de integrar. De “buscar mais as concordâncias que as oposições, os fragmentos de verdade mais que as privações e os desvios, salvar e assumir mais do que destruir, edificar mais do que dispersar” (41).

Tudo isto — o amor da verdade, o amor de todas as verdades — não é recente em Maritain, fruto da sabedoria inata da velhice ou resultado de uma conversão qualquer. Veio de longa data, estava inscrito no íntimo de seu ser, desde sempre.

Já se disse de Maritain que, antes de ser cristão, ele era filósofo. No entanto, o que penso é que, antes mesmo de ser cristão, ele já o era. Pois, não é profundamente cristã aquela procura angustiada da Verdade, expressa num tenso capítulo, o “No Jardin des Plantes”, das “Grandes Amizades”? Não é ela basicamente uma procura do Absoluto? E no seu efeito, quem consegue, sem se emocionar, acompanhar esse passeio no qual se expande toda a inquietação metafísica que Raissa e Jacques viveram? Seu tema é o da angústia e da perplexidade de um coração no meio do mundo. A angústia de constatar que só parecem possuir uma pseudo-inteligência, capaz de tudo, menos da verdade. A perplexidade de sentir a vida não como dolorosa, o que ainda seria aceitável, mas como absurda. Tudo isto não é cristão?

Como, também, a necessidade de explicações — “mesmo que não houvesse no mundo senão um só coração que padecesse certos sofrimentos, um só corpo que conhecesse a agonia da morte, isto exigiria uma satisfação”. Também a formulação das perguntas essenciais: “qual a medida de todas as coisas?” “ser é um acidente, um benefício ou uma desgraça?” “se temos de renunciar a achar um sentido qualquer para a palavra verdade, para a distinção entre o bem e o mal, entre o justo e o injusto, não é mais possível viver humanamente”. Neste contexto, aca-

ba sendo cristã até mesmo a idéia do suicídio, única solução teórica que encontraram: “se essa experiência (entregar-se ao desconhecido) não desse certo, a solução seria o suicídio — o suicídio antes que se tivesse acumulado a poeira dos anos, antes que nossas forças frescas ficassem gastas. Queríamos morrer por um ato livre de recusa, já que era impossível viver conforme a verdade” (42).

Mas, a experiência deu certo. Entregar-se ao desconhecido não é entregar-se nas mãos de Deus, o Deus desconhecido que os gregos adoravam e que São Paulo cristianizou? O que os salvou então foi o sofrimento, este condicional que permanecia na alma, abrindo uma esperança pequenina, uma estreita janela para o caminho da luz, pela qual a misericórdia de Deus se pôde fazer presente — levando-os aos três encontros decisivos: Bergson, que lhes renovou as esperanças filosóficas; Bloy, que lhes mostrou, por caminhos propriamente religiosos, Deus e a Igreja; e o Pe. Clérissac, que harmonizou as duas coisas, a filosofia e a religião, revelando-lhes Santo Tomás.

Antes desses encontros, como não sofreram os Maritain à procura do Absoluto! Como não viveram a palavra dolorosa de Santo Agostinho — “meu Deus, meu Deus, vós fizestes meu coração e ele ficará inquieto até que repouse em Vós!”

Não é este, em suma, o segredo profundo da vida intelectual de Maritain? O saber que ela, essa vida intelectual, não se basta a si mesma, não se justifica por si só, como um fim absoluto? É a lição que Maritain nos dá, a de que “se a especulação é boa por si mesma e é um fim em si, como a arte, nem uma nem outra é o fim último para aquele que pensa ou que cria; ele deve reportá-las ao Princípio mesmo ao qual estão suspensos o céu e a natureza inteira e que se chama Amor e Caridade” (43).

Toda a obra de Maritain está voltada para Deus, efetivamente. Em quaisquer dos seus aspectos. Seja quanto ao núcleo central, que é o amor pela Verdade: porque destruir a inteligência e a razão e a verdade natural é destruir ao mesmo tempo os fundamentos da fé, não podendo assim uma “filosofia que

blasfeme contra a inteligência ser, nunca, católica” (44). Seja quanto ao conteúdo — na medida em que o pensamento de Maritain tem por objeto Deus e a Igreja. Seja quanto à origem e inspiração: o olhar impregnado de tanta compreensão, de tanta simpatia, de tanta lucidez que Maritain lançou sobre os homens e a civilização, não é verdade que “somente o amor divino é capaz de infundir no coração de uma criatura” (45)? Seja, por fim, quanto ao método da obra, quanto aos caminhos percorridos: não foram sempre caminhos de uma perfeita fidelidade à Igreja?

Ah, mas aqui, na fidelidade à Igreja, pisamos o difícil problema das relações entre a filosofia e a religião e tocamos justamente a cruz de Maritain. É que o heroísmo próprio de Maritain e, de resto, do filósofo católico em geral, o heroísmo indispensável a toda santidade, estaria justamente nesse martírio de se pretender ser, ao mesmo tempo, ótimo filósofo e ótimo católico.

Bertrand Russell submeteu também Santo Tomás a essa injúria, martirizando-o, ao dizer que nele “o apelo à razão é, em certo sentido, insincero, já que a conclusão a que se há de chegar está fixada de antemão” (46). O comportamento do católico em filosofia é, para Russell, o pior possível: “é improvável que ele abandone certas crenças, mesmo que se convença de que os argumentos de São Tomás são maus; inventará outros argumentos ou procurará refugiar-se na revelação”. E conclui: “há muito pouco do verdadeiro espírito filosófico em Aquino. Não se dispõe ele a seguir, como o Sócrates platônico, para onde quer que seu argumento o possa levar. Não está empenhado numa pesquisa cujo resultado não possa ser conhecido de antemão. Antes de começar a filosofar, ele já conhece a verdade; ela está declarada na fé católica. Se, aparentemente, consegue encontrar argumentos racionais para algumas partes da fé, tanto melhor; se não, basta-lhe voltar de novo à revelação. Ora, a descoberta de argumentos para uma conclusão dada de antemão, não é filosofia, mas uma alegação especial”.

É o mesmo tipo de injúria que se levantará contra Maritain. A injúria de lhe negar até mesmo a única condição que

sempre reivindicou para si, o único título: “sou apenas um filósofo”...

Ora, observe-se logo que essa pretensa contradição entre a filosofia e a fé é denunciada pelos que negam a verdade num dos lados do problema: seja por não admitirem que possa haver uma verdade em filosofia, seja por negarem que possa haver uma fé verdadeira, que a crença católica seja a verdadeira religião. Então, também esses negadores trairiam o “espírito filosófico” porque já têm, de antemão, uma resposta prévia e padecem, assim, do mesmo vício de que acusam São Tomás e Maritain. É que é sempre um mau recurso esse, o das alegações genéricas. O bom filósofo pede razões, uma por uma, e, uma a uma, discute, examina a procedência, pondera.

Depois, observe-se ainda que o próprio Tomás e o próprio Maritain repudiam, o mais veementemente possível, esse comportamento. “O argumento de autoridade é o mais fraco de todos”, dizia Tomás. E ambos sustentam que a filosofia só pode encontrar suas razões em si mesma; mesmo porque se uma filosofia não tirasse sua validade de suas próprias razões, simplesmente não a tiraria de lugar nenhum.

Então? Como explicar que a Igreja tenha adotado uma filosofia e a recomende como sua, como sua doutrina comum?

Maritain, que tratou do assunto sistematicamente em pelo menos dois de seus livros (não era a sua cruz?) — o “*De la philosophie chrétienne*” e “*Le Docteur Angélique*” — propõe uma distinção que pode resolver o problema: a que se há de fazer entre a ciência propriamente dita e a “*via ad scientiam*”, o aprendizado. Assim, o apoio da crença e da revelação ou do magistério oficial da Igreja não podem, como é óbvio, constituir uma demonstração intrínseca da validade de uma filosofia, mas são “argumentos e garantias extrínsecos, sinais que determinam a inteligência do crente a uma confiança bem fundada”. Ora, dentre “os sinais exteriores aptos a produzir a opinião verdadeira e que podem dispor um espírito de boa fé a dar crédito a uma doutrina, depois a examiná-la, a estudá-la com respeito e confiança, digamos até com esta alegria produzida

pela esperança razoável de encontrar nela a verdade”, — o apoio do magistério oficial da Igreja é, dentre todos esses sinais, o mais persuasivo e o mais notável (47). Assim, se “no domínio próprio da ciência, o argumento de autoridade é o mais fraco de todos, no domínio da aprendizagem, na ordem de preparação para a ciência, da *via ad scientiam*, em que precisamente o espírito, sustentado por sinais e argumentos extrínsecos, se vai habituando, pouco a pouco, a avançar por si próprio, com passo de evidência, — a autoridade de um mestre tem um papel preponderante”.

Êsse, o significado da adoção, pela Igreja, do pensamento de Tomás de Aquino, que ela recomenda a todos os estudantes e filósofos católicos. Então, Maritain pode ser as duas coisas ao mesmo tempo, católico e filósofo, e enfrentar as injúrias do mundo. Pode viver o seu martírio e praticar a santidade da inteligência, que é sua vocação.

O que seja, em resumo, essa santidade da inteligência, quem nos diz é o próprio Maritain, falando da santidade de Tomás de Aquino: “não somente sua filosofia mantém, melhor que qualquer outra, os direitos e a nobreza da inteligência, afirmando sua primazia de natureza sobre a vontade, reunindo sob sua luz toda a diversidade hierarquizada do ser, identificando-a lá onde ela se encontra em ato puro, com a natureza infinitamente santa de Deus vivo; e na ordem prática, nos lembrando sem cessar que a vida do homem e toda a vida cristã tem na base a inteligência, — mas ainda, a santidade mesma de Tomás de Aquino, sua caridade, seu sacrifício de louvor, sua consumação em Jesus, tudo se completa e brilha nele na perfeição do espírito, nesta vida da inteligência que Aristóteles declarava melhor que a vida humana. São Tomás é, num sentido eminente, o puro intelectual, porque a própria inteligência é o seu meio por excelência de servir e amar a Deus, porque a própria inteligência é sua hóstia de adoração” (48).

Nisto tudo vejo a santidade da inteligência de Maritain.

No seu amor à verdade. No fazer da inteligência seu instrumento de serviço e de amor a Deus. Na oração a que sempre

recorreu e em que sempre se refugiou. Na fidelidade à Igreja. No martírio das injúrias. Na retidão da doutrina, cuja natureza evidentemente condiciona a santidade (*). Nos frutos pelos quais conheceremos a obra, os frutos das conversões. Na angélica superioridade diante das contingências e das paixões do mundo. Nas amizades, na “arte maravilhosa do acolhimento” (49) que ele praticou. No espírito de infância perene. Na santidade do lar cristão, no carinho amoroso por Raissa, essa Raissa tão amada que, quando lhe faltou, o deixou completamente arrasado para a vida temporal, só voltado agora para o céu.

(*) Ninguém faça a injúria de imaginar que pretendamos, os tomistas de todos os níveis, buscar na santidade de Maritain um argumento exterior em favor do tomismo. Numa palavra, isto seria uma injúria — uma injúria ao tomismo, que não precisa desse recurso, uma injúria aos seus discípulos, uma injúria à inteligência, uma injúria ao próprio Maritain. Nenhum de seus discípulos pretenderá que se deva seguir a Maritain, adotar suas idéias, aderir a suas posições, porque se trata das idéias e posições de um santo. São coisas diferentes (e no entanto de algum modo entrelaçadas: é fácil ver que não pode ser declarado santo pela Igreja o autor de certas filosofias negadoras de verdades ou valores essenciais que a Igreja proclama e defende, ainda que nessas negações se deva identificar uma implícita procura, às cegas, desses mesmos valores e verdades; e ainda que, no momento decisivo de suas vidas, tenham tais autores, num gesto de despojamento e redenção, glorificado ao Senhor no íntimo de suas almas) — são coisas diferentes a verdade de uma doutrina e a santidade da vida de um pensador.

Ou não tivemos, em pleno século XIII, a defender idéias opostas ao menos parcialmente, dois filósofos — um, de Aquino, dominicano, o frei Tomás, o outro, cardeal de Albano, franciscano, o frade Boaventura — que a Igreja depois haveria de igualmente canonizar, intitulado este de “Doutor seráfico” e aquele de seu “Doutor comum”? E não são igualmente santos este Tomás da Escolástica e aquele Agostinho da Patrística, os dois maiores doutores da Igreja, mas nem por isto formuladores ou adeptos de filosofias idênticas ou sequer coincidentes?

Em relação a essa diferença entre a santidade do autor e a verdade da obra, há dois erros graves a evitar; este primeiro, de pretender deduzir, por argumento de autoridade, da santidade pessoal do autor, a verdade da obra; e também um segundo, o de formular, por conta de eventuais discordâncias à obra, reservas à santidade da pessoa. Neste último equívoco unem-se alguns membros de posições postas dentro da Igreja e que, por razões diferentes, fazem reservas à obra de Maritain — uns progressistas que a vêem, sobretudo nos livros mais recentes, como uma defensora das posições antigas, e uns integristas que a vêem como responsável pelo “aggiornamento” e pelas confusões em que se debate hoje a Igreja de Cristo — unem-se esses todos para deduzir, dessas censuras à obra, reservas à pessoa de Maritain e temer assim uma declaração oficial de sua santidade. Mas nenhuma declaração de santidade é manobra política; e devem-se distinguir a pessoa e a obra. Apesar de já ter passado a Escolástica, sempre se exigirá da inteligência a sutileza de proceder às distinções necessárias...

Pois que lhe restava, agora, que Raissa se foi? Recolher-se a um convento — primeiro como professor leigo, depois fazendo seu noviciado e professorado aos 89 anos; tornar-se irmãozinho de Foucauld; decidir-se a publicar o Diário de Raissa — “estas páginas estão em condição de ajudar e esclarecer muitas almas” (50); e, por fim, voltar-se só para o céu, o céu onde estão os seus, Vera, Bloy, Raissa, onde sobretudo está Deus.

É o que ele nos diz, neste derradeiro depoimento que, penso, por si só o santificaria, não bastasse toda a vida passada, passada em santidade.

“Não entrei nos irmãozinhos para agir, mas, sim, para me preparar para a morte” (51).

Ser irmãozinho de Foucauld era para mim “uma plenitude. Era o coroamento de uma vida que só teve uma finalidade, uma aspiração, um sentido — Deus, não o Deus dos filósofos, mas o Deus amor, dos cristãos, dos místicos”.

E quem assim fala, note-se, é o filósofo por excelência...

Mas agora ele não se reconhece mais um filósofo: “mais do que nunca sou o que sempre quis ser — um contemplativo”. “Tenho grande sede de silêncio”.

E de que se ocupa então este contemplativo, este Anjo do Senhor? Do céu, evidentemente, da transcendência de Deus. “Por favor, os cristãos não se esqueçam da transcendência de Deus — eis o assunto que hoje me empolga. Que os cristãos, na luta legítima e necessária pela justiça, não se esqueçam da especificidade de sua vocação, que é uma vocação de transcendência”. “O que me preocupa e interessa é a vida eterna. O céu. Estudo o céu. Leio tudo que São Tomás nos ensinou sobre o céu. Não há nada que me interesse hoje como isto, o céu. Como é o céu?”

Nada obstante, continua curioso e inquieto o velho filósofo...

“A terra, já conheço; resta-me conhecer o céu”. “A vida eterna é onde não existe mais a ferida da morte. O céu é a luz inacessível. É a liberdade. É a plenitude. É a visão face-a-face. Mundo em que não há obstáculo nenhum ao Amor. Em que tudo é só Amor”.

E continua com as mesmas magníficas crenças, que a proximidade da morte só faz robustecer: “creio na fecundidade da oração. Creio na primazia da contemplação. Creio no valor do sacrifício. Creio na vida sobrenatural”. “Cristianismo é humildade, silêncio, solidão, oração”. “Tenho a virtude teologal da Esperança. Espero. Creio na Providência. Creio na misericórdia. Creio no Amor infinito. Creio nas reservas do homem visitado pela Graça. Creio no trabalho do Espírito Santo”.

Quanto ao mundo, ele permanece o mesmo homem impressionado com a onda de desespero que parece elevar-se de todos os recantos da terra e, simultaneamente, paradoxalmente, otimista. Sabe das crises da Igreja mas não se assusta: “vamos para a frente; a história da Igreja é uma crise contínua”. Sabe das perplexidades das cúpulas religiosas mas sabe também que “quem renova são as bases” e assinala “quantos movimentos de extraordinária renovação se processam, hoje, na Igreja” — o dos irmãozinhos de Foucauld, por exemplo: não é paradoxal que, neste “século do nada”, surja na Igreja uma nova ordem religiosa? Inquieta-se com os rumos do pensamento (“Hegel está dando as cartas na mesa da filosofia”) mas sabe que o tomismo voltará — não se fundou agora uma Faculdade São Tomás de Aquino na Califórnia? “São Tomás no Pacífico, imagine! Em plena Califórnia dos *hippies*...”

Sabe, sobretudo, e é esta sua lição final, que “tudo começará outra vez”. “É bem possível que um rapaz neste minuto em que conversamos, no silêncio desta tarde de domingo, esteja descobrindo o Evangelho pela primeira vez. Ou a Suma Teológica. Ou os poemas de um São João da Cruz”.

Tudo começará outra vez... “Quem sabe se um chinês, perdido no interior de uma província, não está, a esta hora em

que tão despreocupadamente conversamos no Languedoc, descobrindo a mensagem de Jesus Cristo em pleno maoísmo...”

Tudo começará outra vez...

Mas para nós outros, que não temos sua fibra de santo, que somos fracos, o que nos resta é o abandono de sua ausência, é a falta desse guia.

Agora, que ele se foi, quem nos esclarecerá? Quem o continuará? Quem continuará a mesma vida? a mesma obra? a mesma oração?

Veremos ainda outra primavera espiritual tão maravilhosa quanto esta? Assistiremos a outro renascimento do tomismo e do espírito?

Acontecerá com Maritain o mesmo que com o Padre Charles de Foucauld, que morreu, assassinado, no deserto do Saara, em 1916, sem ter conseguido um só discípulo em vida, coitado? “Que imenso malogro. E, de repente, depois de morto, os discípulos chegaram, às dezenas, às centenas”. Chegarão assim também, às dezenas, agora, depois de morto, os discípulos deste extraordinário contemplativo que morreu só?

No fim da entrevista, Maritain pediu ao repórter que fosse discreto, lembrando sua idade e sua condição de religioso contemplativo; e pediu que rezasse o repórter, rezássemos nós, por ele.

Mas, na verdade, somos nós que precisamos, agora, das orações deste mestre querido, que sem dúvida está no céu e a quem já veneramos como a um santo. Que viveu à perfeição o pensamento definitivo de Léon Bloy — “não há senão uma tristeza, é a de não se ser santo”. Que soube se manter tão acima de nossos problemas e nossas confusões, porque soube ser fiel à missão que reconheceu em si e que realizou integralmente — “vae mihi si non thomistizavero”. Sem dúvida, nós é que precisamos das orações deste santo do século XX, santo da inteligência.

Quantos não nos sentimos órfãos e sós nesse 28 de abril de 1973 em que ele se foi...

NOTAS

- 1) Concedida a Antônio Carlos Vilaça e publicada no *Jornal do Brasil* de 11 de novembro de 1972.
- 2) Mesma entrevista.
- 3) Referido por Pierre van der Meer de Walcheren, *Encontros*, Agir, 1964, p. 73.
- 4) Afrânio Coutinho, *Testemunho*, in "A Ordem", maio/junho de 1946, p. 85 (volume de homenagem a Maritain).
- 5) Citado por Alceu Amoroso Lima, *A filosofia sintética de Maritain*, in "A Ordem", maio/junho de 1946, p. 33.
- 6) Antônio Carlos Vilaça, *Lembrança de Maritain*, in *Jornal do Brasil* de 5 maio de 1973.
- 7) Gustavo Corção, *O Século do Nada*, Distribuidora Record, p. 102.
- 8) Jacques Maritain, *De la Philosophie Chrétienne*, Atlântica Editora, Rio, 1945, p. 65.
- 9) Raissa Maritain, *As Grandes Amizades*, Agir, 1947, p. 324.
- 10) *Ibid.*, p. 166.
- 11) Jacques Maritain, *Princípios de uma Política Humanista*, Agir, 1946, p. 150.
- 12) Walcheren, *op. cit.*, p. 117.
- 13) Alceu Amoroso Lima, *Visita a Maritain*, in "A Ordem", setembro/outubro de 1951, p. 60.
- 14) Citado por Gustavo Corção, *Jacques e Raissa Maritain*, in "A Ordem", maio/junho de 1946, p. 148.
- 15) Citado por Gustavo Corção, *O Século do Nada*, Distribuidora Record, p. 59.
- 16) Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 174.
- 17) Afrânio Coutinho, *op. cit.*, p. 85.
- 18) Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 40.
- 19) Citado por Afrânio Coutinho, *op. cit.*, p. 93.
- 20) Citado por Alceu Amoroso Lima, *Visita a Maritain*, in "A Ordem", setembro/outubro de 1951, p. 62.

- 21) Citado por Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 291.
- 22) Henry Bars, *Maritain en notre temps*, Editions Bernard Grasset, 1959, p. 380.
- 23) Jacques Maritain, *Le Docteur Angélique*, Atlântica Editora, Rio, 1945, p. 45.
- 24) Jacques Maritain, *Diário de Raissa*, Agir, 1966, p. 102.
- 25) *Ibid.*, p. 114.
- 26) *Ibid.*, p. 125.
- 27) *Ibid.*, p. 149.
- 28) Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 152.
- 29) Ernest Psichari, *Le Voyage du Centurion*, Louis Conard Éditeur, Paris, 1922, pp. 31 e 32.
- 30) Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 276.
- 31) *Ibid.*, p. 276.
- 32) Jacques Maritain, *Diário de Raissa*, Agir, 1966, pp. 129, 143, 145, 147, 148, 153.
- 33) *Ibid.*, p. 146.
- 34) *Ibid.*, p. 216.
- 35) Gustavo Corção, *Jacques e Raissa Maritain*, in "A Ordem", maio/junho de 1946, p. 147.
- 36) Alceu Amoroso Lima, *Visita a Maritain*, in "A Ordem", setembro/outubro de 1951, pp. 59 e 69.
- 37) Afrânio Coutinho, *op. cit.*, pp. 90 e 91.
- 38) Jacques Maritain, *Princípios de uma Política Humanista*, Agir, 1946, p. 145.
- 39) Afrânio Coutinho, *op. cit.*, p. 90.
- 40) Jacques Maritain, *O Homem e o Estado*, Agir, 1952, p. 102.
- 41) Jacques Maritain, *Le Docteur Angélique*, Atlântica Editora, Rio, 1945, p. 5.
- 42) Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 62.
- 43) Jacques Maritain, *La Philosophie Bergsonienne*, 5a. ed., Téqui, 1948, p. IX.
- 44) Raissa Maritain, *op. cit.*, p. 322.
- 45) René Voillaume, prefácio ao *Diário de Raissa*, p. 14.
- 46) Bertrand Russell, *História da Filosofia Ocidental*, livro 2.º, Cia. Editora Nacional, 1957, pp. 182 e 183.

- 47) Jacques Maritain, *Le Docteur Angélique*, Atlântica Editora, Rio, 1945, p. 138.
- 48) Ibid., p. 105.
- 49) Olivier Lacombe, em carta transcrita no *Diário de Raissa*, p. 280.
- 50) Jacques Maritain, *Diário de Raissa*, Agir, 1966, p. 22.
- 51) Esta e as seguintes são citações da última entrevista, *Jornal do Brasil* de 11 de novembro de 1972.

“Pidgins” e línguas crioulas

IVANISE PESSOA BECHARA

INTRODUÇÃO

O atual panorama dos estudos lingüísticos referentes aos “pidgins” e línguas crioulas tem-se revelado surpreendente e promissor, não somente em razão das pesquisas intensificadas e de formulações em pleno processo de elaboração como por conterem, estes estudos, uma representação crítica dos conhecimentos já adquiridos.

Quase todos os trabalhos aparecidos na década de cinquenta e, especialmente, aqueles surgidos após a 1a. Conferência Internacional de Estudos das Línguas Crioulas, realizada em Mona, Jamaica, em 1959, mostram que se está formando uma nova corrente de pensamento que pode trazer uma revisão de posições teóricas com diferentes rumos de investigação e de abordagem para o fenômeno lingüístico das chamadas línguas de contacto.

Por outro lado, a unificação do campo de estudos, a aplicação de postulados sociolingüísticos à consideração de sua gênese e desenvolvimento, o reconhecimento de que os crioulos são línguas genuínas e não apenas deturpação das línguas européias têm provocado interesse e estimulado esforços em setores especializados da Lingüística Geral e Aplicada.

Evidentemente não cabe, nas dimensões deste trabalho, uma completa apreciação destas renovações. Entretanto, tentarei colocar, na medida do possível, as questões teóricas que vêm sendo discutidas a partir da obra pioneira de Schuchardt (1), em 1882, mostrando a evolução das concepções correntes a

1) SCHUCHARDT, William. *Kreolische Studien*. Wien, 1882-1891. 9 v.